

UMA REALIDADE INVISÍVEL: O QUÃO PRÓXIMO O ABORTO ESTÁ DE VOCÊ?¹

Natália Dos Santos Bento²

Thaís Lima De Sousa³

Vitória Dandara Da Cunha⁴

Orientador Dr. Paulo Cesar Mattos Dourado de Mesquita⁵

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade mostrar o conceito, os tipos e as consequências do aborto. Buscando analisar e expor o fato de que, muitas vezes, apesar de existir tal procedimento, geralmente tende-se a pensar que a prática de abortar está muito distante de nossas realidades. Isso se dá devido à falta de apoio de amigos e familiares em consonância com a ilegalidade desse método que impede que as pessoas comentem ou relatem sobre esse assunto. A partir de entrevista com pessoas que já abortaram e pesquisa online, feita por meio de formulário, procura-se demonstrar quais são as principais opiniões das pessoas em relação a essa prática. Assim foi possível constatar que, grande parte das pessoas que responderam o formulário, conheciam pelo menos uma pessoa próxima que já tinha abortado. Através dessas pesquisas foi possível ter uma maior noção da realidade vivida pelas mulheres, podendo compreender o porquê, de muitas vezes, elas optarem por esconder dos amigos e familiares que fizeram tal procedimento.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Feto; Induzido; Espontâneo.

INTRODUÇÃO

Pensar o aborto, com um olhar crítico, surgem inúmeras questões: é ilegal? É possível ser preso se fizer tal prática? Quanto tempo de prisão? Onde fazer? Quais técnicas são utilizadas? O que leva uma mulher a optar por realizar esse

¹ Artigo Científico elaborado por graduandas do primeiro semestre de psicologia do Centro Universitário Sete de Setembro (UNI7).

² Graduanda de psicologia da UNI7. E-mail: nataliadossantosbento17@gmail.com

³ Graduanda de psicologia da UNI7. E-mail: thaislima_19@outlook.com

⁴ Graduanda de psicologia da UNI7. E-mail: dandaravit@hotmail.com

⁵ Doutor em Biodiversidade Animal pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente do curso de psicologia na UNI7. E-mail: paulocmdm@gmail.com

procedimento? Entre muitas outras. Embora se conheça basicamente sobre essa prática, pouco se é aprofundado sobre seus métodos. Por esse motivo, é indispensável um maior aprofundamento para tentar entender o que leva alguém a abortar, quais as causas e o quão próximo se está dessa realidade invisível e silenciosa.

Podemos afirmar que, mesmo hoje em dia, a questão do aborto ainda é muito mal vista e em muitos países essa visão negativa ainda se faz presente. Em oposição a isso, inúmeras mulheres lutam pelos seus direitos, sempre tentando levantar essa questão para trazer conhecimento às pessoas que pouco sabem sobre o assunto e, essas mesmas mulheres, sustentam um ideal: total autonomia sobre seu próprio corpo. (MARTINS, Fernanda; GOULART, Mariana, 2016).

O aborto induzido é aquele no qual a mulher, por meio de alguma intervenção médica ou medicamentosa, interrompe a gravidez. O aborto espontâneo não é intencional, ocorre quando o próprio corpo interrompe a gravidez "expulsando" o feto por motivos orgânicos. (ANTONACCI, Andreia Tassiane; ARAUJO, Guilherme Augusto Marques, 2017). De acordo com o código penal brasileiro, no decreto de lei 2848/40, o aborto é considerado crime, sendo aplicado de um a três anos de detenção para mulheres que o realizarem, conforme artigo 124; reclusão de três a dez anos para médicos que realizarem o procedimento sem o consentimento da mulher, conforme artigo 125; reclusão de um a quatro anos para médicos que realizarem com o consentimento da mulher, conforme artigo 126. Se o consentimento for obtido através de fraudes ou se a gestante for menor de 14 anos, a pena vai de três a dez anos de reclusão para o médico, conforme artigo 127. Ocorrem casos em que há complicação no procedimento levando a paciente à óbito ou causa grandes sequelas. Em caso de morte, a pena de três a dez anos é duplicada e, em caso de lesões, apenas um terço, de acordo com o artigo 128. É importante frisar que, em casos de estupro, feto anencefálico ou quando pode causar risco à vida da gestante, o aborto é permitido. (BRASIL, Código Penal Brasileiro).

PROGRESSO OU REGRESSO?

O aborto não é uma temática atual pois, por mais que essa questão venha constantemente sendo colocada em pauta, há muito tempo, mulheres já realizavam esse procedimento, tanto é que grandes filósofos gregos tinham uma concepção a respeito do aborto. Sócrates, por exemplo, recomendava às parteiras da época que, quando uma mulher recorresse a elas com o intuito de realizar o aborto, elas a ajudassem. (SCHOR, Neia; ALVARENGA, Augusta T. de, 1994).

Apesar de parecer que se caminha – mesmo que lentamente – para uma visão menos preconceituosa sobre o assunto, está sendo debatido no senado o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 181 ou PEC Cavalo de Troia que propõe a criminalização do aborto em todos os casos. Se tal proposta for aprovada, toda mulher que cometer aborto seja qual for o caso, deverá ser presa. Foram 19 votos onde dezoito homens votaram a favor enquanto uma mulher votou contra. (FERNANDES, MARCELLA, 2017). Apesar de vivermos em uma democracia onde, teoricamente, o povo é dotado de poder para defender liberdades de expressão e decidir seus direitos, na prática não é bem assim que funciona, visto que há grande predominância do pensamento machista e patriarcal atuando sob isso de forma dominante. (MARTINS, Fernanda; GOULART, Mariana, 2016).

Além de ainda haver preconceito diante das mulheres que pensam em fazer, fizeram ou são a favor do aborto, é notório perceber que a visão preconceituosa e discriminativa do assunto está mudando pouco a pouco, haja vista que algumas mulheres cristãs contrariam suas religiões para defender a legalização do aborto argumentando que a prática feita de maneira incorreta e clandestinamente é uma forma de assassinato contra as mulheres, o que não acaba prezando pela vida que, para a religião, deve ser defendida em primeiro lugar. (FERREIRA, Paula, 2017).

É fato que existem inúmeras considerações que são levantadas diante do assunto, por exemplo, muitas pessoas que são contra, usam o viés de que o aborto é um atentado contra a vida e que, por ser um procedimento invasivo, o feto é capaz de sentir todo o processo de abortamento (MARIANO, Nádia, 2011). Entretanto, de acordo com Roberto Luiz d'Ávila, presidente do Conselho Federal de Medicina, por meio de uma análise genética, é correto afirmar que o feto só passa a sentir dor a partir do momento em que o sistema nervoso central se forma e isso só acontece após o terceiro mês de gestação. (MARQUES, Marina, 2013).

Por não ser legalizado, algumas mulheres, não encontrando outra alternativa, arriscam suas vidas recorrendo a métodos abortivos que por serem, muitas vezes, executados de forma indevida, resultam em sérias complicações podendo levar até à morte. Não obstante a isso, a estudante de direito Rebeca Mendes da Silva Leite, de 30 anos, para não pôr sua vida em risco nem criar um filho sem condições financeiras e psicológicas, decidiu entrar com um pedido de liminar requerendo o direito de abortar sem ser criminalizada pelo ato. Rosa Weber, ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), negou o pedido. A estudante alegou ter dois filhos, ser mãe solteira e que trabalha por meio de contrato temporário consequentemente não tendo condições de criar mais uma criança. Ela declarou: “Não quero ser mais uma mulher que morre em casa depois de hemorragia ou em uma clínica clandestina e depois é jogada na rua. Ou, ainda, ser presa. Quero viver com meus filhos, com saúde e segurança”. Por motivos pessoais, ao invés de optar por correr risco de morte ou ser presa, ela preferiu recorrer à justiça que a fez sentir-se desamparada ao ter o pedido negado. (FORMENTI, Lígia; 2017).

ABORTO E O PSIQUISMO

Levando em consideração a sociedade predominantemente machista e patriarcal na qual vivemos, uma mulher, quando passa pelo processo de aborto, precisa lidar com muitas questões conflitantes pelo resto da vida. E, por esse motivo, muitas mulheres guardam esse segredo e carregam a dor, arrependimento e sentimento de culpa consigo mesma. Isso se dá não apenas por questões provindas diretamente do aborto, mas até mesmo por questões externas, relação com o progenitor, com a família, aspectos morais e religiosos, dentre outros. E mesmo depois de muito refletir e tomar a decisão mais adequada para si mesma, ao recuperar-se fisicamente do procedimento, o mesmo nem sempre acontece no campo psíquico justamente pelos motivos frisados anteriormente. Enquanto algumas se sentem aliviadas após o procedimento, outras precisam lidar com diversas questões que podem abalar por muitos anos sua saúde mental. Depressão, bipolaridade, ansiedade, estresse, são alguns dos transtornos subsequentes do aborto. Essa condição geralmente é resultante, principalmente, de casos em que a mulher é coagida a abortar independente da sua vontade, quando precisa manter em segredo

ou quando decorre de casos de estupro. Sem apoio psicológico (o que é fundamental), ela vai carregar o sentimento de culpa condenando a si mesma e, em alguns casos, utilizando vícios, por exemplo, o alcoolismo, drogas e tabagismo como válvula de escape. (Children by Choice, 2016).

POR QUE LEGALIZAR?

Todas as mulheres abortam independentemente de sua cor, classe social e profissão. O que se entra em questão é que mulheres pobres morrem todos os dias por complicações nesse procedimento. Embora seja legalizado ou não, mulheres ricas farão o procedimento em clínica de boa estrutura e médicos qualificados enquanto mulheres pobres correrão risco de vida sujeitando-se a métodos invasivos, clínicas insalubres e médicos pouco qualificados. (MARTINS, Fernanda; GOULART, Mariana, 2016).

Pessoas que são contra o aborto, geralmente, são motivadas por questões morais e religiosas, principalmente provindos do cristianismo. Essas pessoas defendem o direito à vida do feto, que é algo divino e dado por Deus. Isso entra em colapso a partir do momento em que prezam pela vida de um ser sem analisarem as consequências que isso acarretará na vida do outro ser que também está presente nessa questão. “...pois não há sentido algum proteger a vida em detrimento de uma prática mortal – o aborto clandestino – que mata milhares de mulheres, sobretudo mulheres pobres e negras.” (MARTINS, Fernanda; GOULART, Mariana, 2016, p.7).

Uruguai e Chile são dois exemplos de países em que a prática abortiva não é considerada crime. No Brasil, entretanto, há o direito de abortar apenas em alguns casos específicos como já ressaltado anteriormente. Fazendo uma análise comparativa entre países em que o aborto é legalizado e países que não são, as taxas de abortos são muito menores onde é legalizado. Com isso, é notório que o fato de ser ilegal não barra mulheres de abortarem sigilosamente. Até mesmo a taxa de criminalidade cai, visto que um dos principais motivos que levam uma mulher a considerar o aborto uma opção é a carência de recursos financeiros para cuidar daquela criança. Muitas vezes a criança nasce e cresce em um cenário de extrema pobreza, em locais marginalizados ou abandonadas por familiares e que poderiam,

em algum momento, entrar em contato com o mundo do crime podendo ou não tornar-se alguém que comete atos delituosos: um criminoso. (SOUZA, Mirela Caldeira de; SILVA, Andressa Lopes, 2017).

Se fosse legalizado, essas mulheres passariam por um processo de aborto mais tranquilo e seguro, o que prezaria por suas vidas pois não precisariam recorrer a métodos perigosos nem clínicas clandestinas. Portanto, teriam uma recuperação bem-sucedida na maioria dos casos. (BENETTI, Beatriz; 2016).

MÉTODOS

Os dados e métodos utilizados para elaborar o estudo foi decorrente de duas pesquisas, uma através de um formulário online e a segunda uma entrevista com duas mulheres que realizaram aborto. O Formulário online encontrou-se disponível durante nove dias, no período do dia 16 a 24 de novembro e foi compartilhado em grupos de redes sociais, contendo sete perguntas, que foram: idade, sexo, posicionamento das pessoas sobre a legalização, se é contra, a favor, neutro ou depende da situação. Se o respondente optasse por "depende da situação" deveria utilizar um espaço para justificar sua resposta. Em seguida, a pergunta foi se o mesmo conhecia alguém que já teria realizado um processo de abortamento. O item seguinte, foi direcionado para o sexo feminino com o intuito de saber se elas, caso passassem por uma gravidez indesejada e tivessem a intenção de interromper a gestação, teriam apoio de familiares e amigos.

A segunda pesquisa foi realizada pessoalmente, por meio de uma entrevista, com duas mulheres, em que uma induziu o aborto e outra que passou pelo processo espontâneo. As principais perguntas direcionadas a elas foram: "Sobre o aborto, você fez, já pensou ou já tentou fazer esse procedimento?", "O que te levou a tomar essa decisão?", "Espontâneo ou induzido?", "Você teve apoio do seu companheiro, família ou amigos?", "Qual foi o método utilizado?", "Se arrependeu?", dentre outras.

RESULTADOS

Por meio do formulário online obtivemos um total de 424 respostas, sendo a maioria do sexo feminino (figura 1).

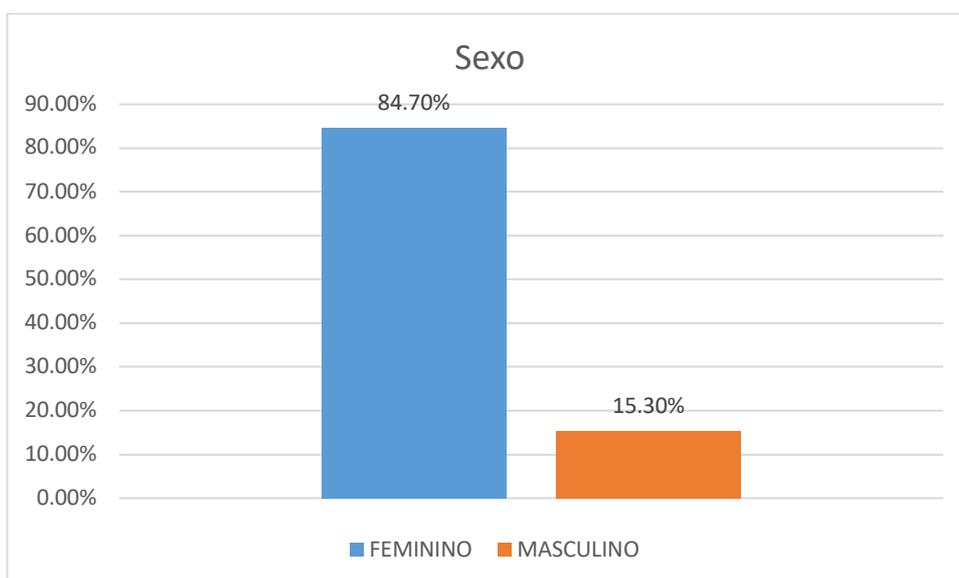


Figura 1. Demonstrativo referente à idade dos respondentes.

Em seguida (figura 2), fizemos uma pergunta acerca do posicionamento de cada um sobre a regularização do aborto com quatro possíveis respostas nas opções disponíveis, sendo 277 (65,3%) à favor, 83 (19,6%) depende da situação, - se esta opção fosse escolhida, a pessoa deveria justificar a sua opinião através de um comentário, sendo assim, foi observado que a maior parte das 83 respostas afirmaram que, para eles, um aborto só seria aceitável em casos em que a mulher tivesse sofrido abuso sexual; ocorresse complicações durante a gestação ou se a criança fosse nascer com anencefalia. Além disso, 51 (12%) são contra e 13 (3,1%) se mantiveram neutro.

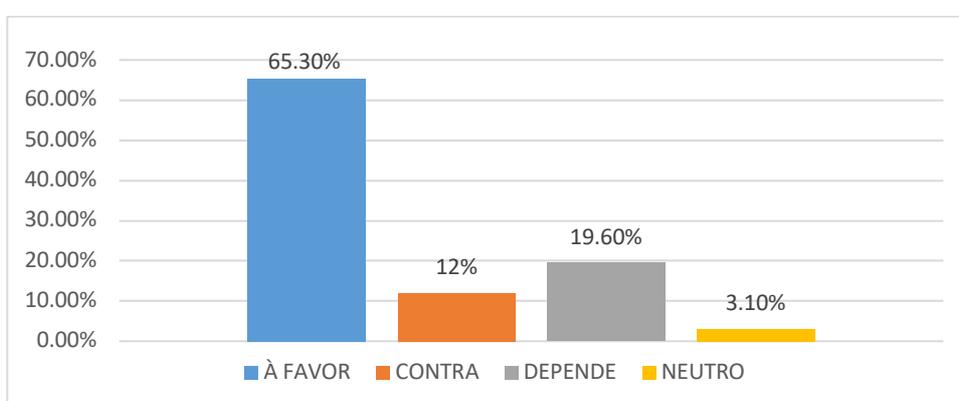


Figura 2. Demonstrativo referente à pergunta: "Sobre a legalização do aborto, qual o seu posicionamento?".

Logo após (figura 3), realizou-se a seguinte pergunta: "Você conhece alguém que já realizou essa prática?", e constatamos que a maioria dos respondentes (215) relataram não ter conhecimento de alguém do convívio que já passou por um aborto. Entretanto, apesar da pequena diferença, 209 disseram ter conhecimento de mulheres que passaram por tal situação.

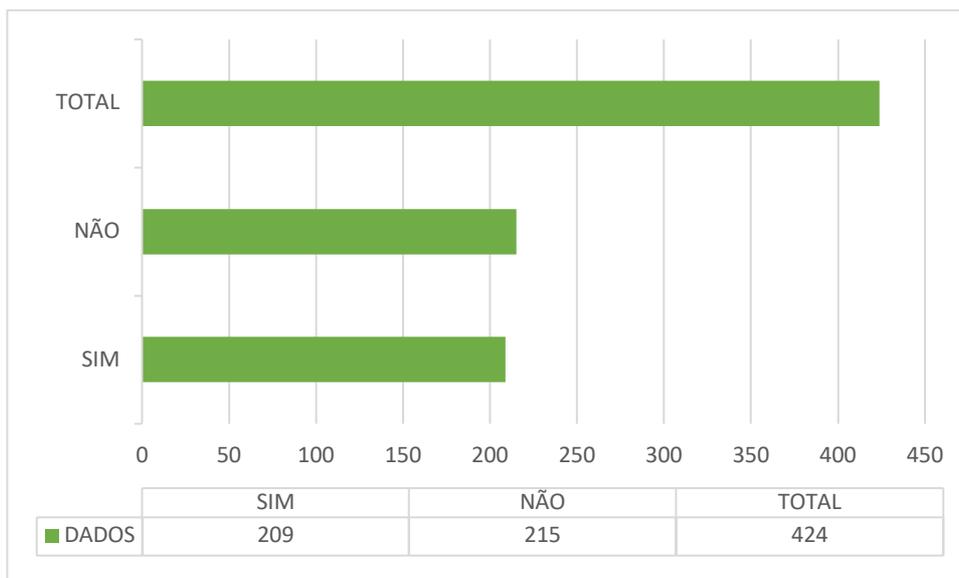


Figura 3. Demonstrativo referente à pergunta: "Você conhece alguém que já realizou essa prática?".

A próxima pergunta (figura 4) foi direcionada somente às mulheres e tinha como propósito saber se estas teriam apoio familiar e/ou de amigos caso tivessem uma gravidez indesejada e resolvessem fazer o abortamento. A maioria (46%) relatou que não receberiam suporte por ambas as partes, outra porção (30,2%) destacou que não saberiam informar se receberiam ou não, outras (13,9%) disseram que haveria sim o apoio por parte dos familiares e amigos, e as demais respostas citaram diversos tipos de situações como, por exemplo, alguns membros da família sim, outros não e o mesmo se repete aos amigos.

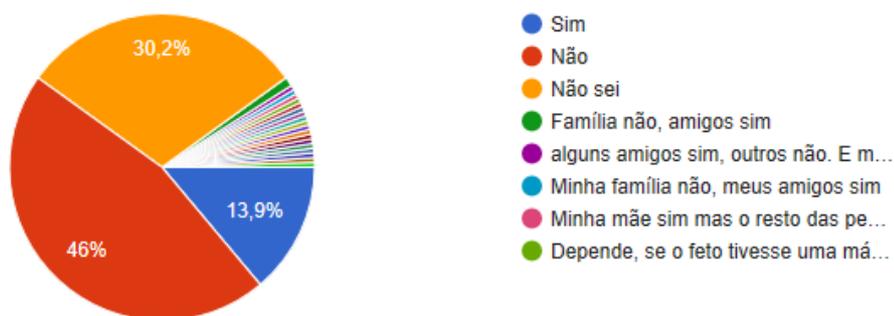


Figura 4. Demonstrativo relacionado à pergunta: "Você acredita que sua família e amigos lhe apoiariam caso você decidisse interromper a gravidez?".

ENTREVISTA 1

Thaís: entrevistadora.

Rosa: entrevistada.

Luana: filha da entrevistada.

T: Você já fez, já pensou ou já tentou fazer esse procedimento?

R: Já fiz. [respondeu de imediato]

T: O que te levou a tomar essa decisão? [pensou antes de responder]

R: Raiva. Raiva do meu marido.

T: Espontâneo ou induzido?

R: Induzido.

T: Você teve apoio do seu companheiro, família ou amigos?

R: Tive do meu marido. Foi ele que comprou o remédio.

T: Qual foi o método utilizado? Se arrependeu?

R: Me arrependi, claro. 'Tu é doido...' (sic)

T: O método foi medicação?

R: Foi.

T: Como foi a recuperação? [ela mostrou-se confusa]

R: Como assim? [demonstrou certa grosseria]

T: Se houve complicações, foi ao hospital...

R: Não, deu não, mas fui 'pro' (sic) hospital.

L: Acho que lembro [a filha mais velha, também presente, dirigiu-se a ela] a gente morava naquela casa que tinha piscina, né? [a mãe assentiu. Preferi não interferir no diálogo e esperei elas continuarem. Pelo que pude notar por conversas antes da entrevista, a decisão foi do marido que não queria a criança e, a mulher, por pressão e raiva, acabou consentindo]

L: O pai voltou 'pra' casa, eu acho, né?

R: Voltou. Ele me deixou lá e depois voltou no outro dia.

L: Eu acho que eu lembro. Eu era bem pequenininha. Eu lembro que a mãe saiu com o pai... [pensou, tentando relembrar] parecia que a mãe 'tava' (sic) doente... [pausa] sei lá, eu não lembro direito... é, assim, bem vago, mas eu lembro um pouco. A mãe saiu com um lençol e o pai ia levar a mãe 'pro' médico, eu queria ir só que o pai não deixou. Eu fiquei sentada na calçada esperando com a vó porque eu não queria ir dormir. Quando o pai chegou, ele sentou comigo lá e eu falei que 'tava' (sic) com saudade da mãe, eu acho, porque ele disse pra eu pegar uma blusa da mãe e ficar cheirando [a mãe interrompeu]

R: Foi?! [por suas feições, parecia estar surpresa e até sorriu um pouco]

L: Foi. Aí eu fui lá dentro e vesti. Pareceu que a mãe passou um 'tempããã' (sic) longe... [falava olhando para um ponto fixo, como se estivesse tentando se recordar]. Eu não consigo lembrar quanto tempo foi, mas parece que foi muito tempo. [a filha sorriu brevemente e eu percebi que ela queria chorar. Pelo que notei, ela até então não sabia que a mãe tinha passado por essa experiência, o que é comum. Muitas mulheres à nossa volta já fizeram aborto e sequer sabemos pois a maioria não tem coragem de falar por medo, vergonha e culpa]

T: Lembra como você se sentiu? [embora esse não fosse o foco da entrevista, achei interessante o fato da filha lembrar da situação]

L: Lembro. É como se... Sei lá... é... Parece que minha mãe ficou vários dias sem voltar 'pra' (sic) casa, não sei... lembrar me dá uma sensação de tristeza, de saudade, sei lá. Dá vontade de chorar [ela riu tentando aliviar as emoções]. É meio angustiante. Mas eu era muito pequena, eu nem sei quantos anos eu tinha. Acho que eu tinha uns quatro ou cinco anos.

T: Como se sente ao relembrar essa situação?

R: Muito triste. Coração partido. Eu sonhei com um menino ontem [não só mudou de assunto como mudou o tom de voz como se contasse algo muito curioso]. Ontem não, hoje, quando as meninas foram 'pra' (sic) aula. Aí eu me deitei um pouquinho, aí comecei a cochilar. [fez uma pausa] aí eu acordava assim e tinha um meninozinho [mais uma pausa] aí ele pegou e fez assim [cutucou o próprio ombro com o dedo polegar] em mim. Aqui em mim [continuou apontando para o próprio ombro] aí eu acordei e perguntei: "tava aonde, menino?" (sic). E ele disse assim: "eu 'tava' (sic) ali na cozinha. Fiquei aí na cozinha a noite todinha" eu disse "e tu é da onde?", ele não me respondia. Aí eu disse assim: "quer morar aqui com a gente, quer?" Aí ele ficava só rindo! Eu disse assim "ei, mas eu tenho três meninas, viu!" Ele me dava um abraço 'foorte!' (sic) [disse "forte" com intensidade e sorriu largo] aí eu "vou já botar merenda pra tu, viu?!" Aí ele balançava a cabeça que sim. Ai 'nós ia' (sic) pra mesa ali, botava ele sentado pra dar comida a ele... ele já era grande! Assim, menor que a Isabella [filha mais nova], mas bem gordinho! [eu sorri]

R: Aí eu dizia assim: "'Pera' que tua tia vai já, viu? Tu quer morar com tua tia, quer?" (sic). Que era eu, 'oia!' (sic) Aí eu dormi de novo e acordei e fiquei "valha, meu Deus do céu!" (sic) Aí veio na minha cabeça: "um menino? Bem grandão..." Menor do que a Isabella, mas gordinho. Ele me dava um abraço tão forte! Aí eu disse "eu vou levar tu pra tua mãe." (sic) Aí eu: "tu quer morar aqui comigo?" (sic) Eu não sabia quem era a mãe do menino, não! O menino apareceu aqui dentro de casa, acredita?! Estranho que só! [sorri para ela]

T: Conhece alguém que tenha feito esse procedimento?

R: Sim! A Lena, irmã do meu marido.

T: Foi remédio também?

R: Foi.

T: Você é a favor ou contra?

R: Contra.

T: Por quê?

R: Porque... [enrolou-se ao falar] a criança não tem culpa. É um ser indefeso. Ai a pessoa pega e faz um negócio desses. Eu me arrependi muito, não vou mentir. Era 'pra' (sic) ele tá... era pra ser mais velho que a Isabella. Ele ia ter quinze anos.

T: Algo mais que você queira acrescentar? Algo que sente que precisa dizer?

R: Não.

T: Bem, foi isso. – sorri.

R: No que vai ser utilizado mesmo?

T: Um trabalho que 'tô' (sic) fazendo. Um artigo científico. Aí a gente... [fui interrompida]

R: Eu fiz, também, porque a Lena fez e foi tranquilo. Aí pensei que o meu ia ser também. Eu não sabia nem se 'tava' (sic) grávida de verdade mesmo. Sabia não. Não tinha certeza absoluta que eu 'tava' (sic) grávida, eu tinha só suspeita. Eu pensei que não 'tava' (sic) grávida, não. Só menstruação atrasada, mas eu já 'tava' (sic) com três meses. E eu não sabia. Só suspeita, mas eu não sabia nem com quanto tempo eu 'tava' (sic), não.

T: O que você tomou?

R: Cytotec.

T: Pesquisando, vi muito falar sobre ele.

R: É, não pode vender ele, mas o pessoal ainda vende.

T: Como seu marido encontrou?

R: Um conhecido nosso. Ele trabalhava numa farmácia na época. Ele tanto vendeu pra Lena quanto vendeu 'pro' (sic) meu marido.

T: Tem muitas mulheres que são enganadas, que caem em golpes na internet. No desespero, né, não investigam direito e se trata de um golpe. E pagam caro. Quatrocentos reais, setecentos...

R: Na época que eu comprei foi oitenta. [pensou melhor] oitenta. [reforçou].

T: Barato.

R: Naquela época era caro! Oitenta era caro!

T: No hospital, alguém tratou mal?

R: Trataram não.

T: Era particular?

R: Sim, foi no [ela disse o nome]. Eu desmaiei, até, aí o médico disse que foi porque eu perdi muito sangue.

T: Perguntei se trataram mal porque alguns médicos tratam mal a mulher quando sabem do que se trata.

R: Eu falei que foi espontâneo, mas acho que eles sabem. Eles devem saber. O médico ainda me pediu pra fazer uma biópsia, mas eu não fiz porque já sabia o que era, né. Aí fizeram a curetagem e no dia seguinte eu recebi alta.

T: Pronto, foi isso. Obrigada. [encerramos a entrevista].

ENTREVISTA 2

Natália: Entrevistadora.

Loira: Entrevistada.

N: Sobre o aborto, você passou por um, né?

L: Sim. Um aborto.

N: Espontâneo ou induzido?

L: Foi espontâneo, né, porque eu 'tava' (sic) com quase três meses de grávida, né, aí comecei a... a... a minha menstruação começou a vir e começou a vir aquelas "coisinhas", né, aí eu peguei e fui na farmácia, não [recapitulou], aí eu fui na casa de uma mulher e a mulher disse assim: " Olha, tu toma esse remédio aqui que aí tu vai abortar porque tu... na realidade, tu tá abortando já, né". Aí eu peguei e fui, comprei esse remédio... é 'pra' (sic) dizer o nome? [perguntou com receio].

N: Sim.

L: É um tal de agoniado que eu nem sei que remédio é esse, só sei que eu comprei na farmácia. Aí ela disse que eu tomasse o vidro [pensou melhor, tentando relembrar a quantidade], não, a metade do vidro, aí só que quando eu cheguei em casa eu vi no vidro assim: Tomar numa colherinha de chá, é... 'num' pouco de água, né, aí eu tomei só uma colherinha de chá, era o que 'tava' (sic) escrito lá no rótulo. Aí eu sentei no sofá, quando eu senti aquele negócio assim, vindo aquilo, tipo assim [demonstrou com as mãos, passando-as por uma das pernas, na tentativa de reproduzir a situação] descendo sangue, né, aí eu: " menino, o que é isso?", aí eu me levantei, quando eu me levantei do sofá, aí eu já fui correndo pro banheiro que já foi 'desceendo' (sic) [tentou intensificar] o sangue, um monte de sangue escorrendo pelas minhas pernas, por todo canto. Aí eu sentei na privada. Quando eu me sentei no aparelho, aí só aquele 'saaangue' (sic) mesmo, só o sangue mesmo descendo, descendo... e eu, eu mandando trazer água pra eu me lavar, aí meu marido falou assim: " 'vamo' (sic) pro hospital!". Aí eu peguei e me levantei, peguei um pano, um lençol, na realidade, me enrolei e fiz, tipo assim, um... um... um... como é que diz? [estava confusa e perguntou] tipo assim, um forro, né. Aí coloquei e vesti um short, só fiz vestir o short por cima, aí nós 'fumo' (sic). Quando 'cheguemo' (sic) no hospital lá não tinha anestesista, aí encaminharam a gente 'pra' (sic) Maternidade Escola, aí quando 'cheguemo' (sic) lá, quando eu fui descer do carro já 'tava' (sic) tudo sujo descendo aquele 'bolão' (sic) de sangue na minha chinela, por todo canto e caindo aquele 'bolãozão' (sic) de sangue [através das feições demonstrou um sentimento de repulsa]. Aí trouxeram já uma cadeira de rodas e me sentaram. Aí quando eu... pronto. Aí eu desmaiei. Desmaiei. Não vi mais nada. Não vi mais nada. Nada. Aí quando eu acordei, eu já 'tava' (sic) na sala e já tinham 'fazido' (sic) a 'coletagem' (sic), a limpeza, né, aí eu só vi o pessoal falando ao meu redor, aí eu, porque tinha acordando da anestesia, né, aí quando eu acordei tinha um médico e uma doutora perto de mim. Aí o médico: "Mãezinha, você

'tá' bem?", aí eu disse: "Tô!", aí ele: "Você desmaiou! O que foi que você tomou?", aí eu disse assim: "Olha, eu tomei um remédio que uma senhora me indicou, mas se eu tivesse tomado a metade do vidro que ela mandou eu tomar, eu teria morrido. Eu tomei só uma colherzinha de chá, uma colherzinha de chá com adoçante, ainda com açúcar, eu adocei, aí tomei, mas se eu tivesse tomado meio vidro...". Aí até o médico brincou assim: "Ói (sic), mãezinha, ainda vai tomar esse tal de agoniado de novo?", aí eu disse assim: "Não, Deus me livre, eu nunca mais vou tomar". Mas aí eles até me mostraram no vidro, desse 'tamainho ó' (sic) no vidro o feto [indicou o tamanho usando os dedos indicador e polegar].

N: Você se arrependeu de ter tomado o remédio?

L: Me arrependi, né, mas eu me arrependi e ao mesmo tempo não porque eu já 'tava' (sic) menstruando e eu tenho certeza como eu já ia abortar, né, mas aí eu não... como eu já 'tava' (sic) naquela, naqueles três dias que eu já 'tava' (sic) menstruando e aí a mulher disse: "Toma que tu já vai ficar é boa!" (sic), aí eu tomei! E aí aconteceu tudo isso aí, mas eu quase morro porque eu tive hemorragia, né, tive uma hemorragia muito grande. Mas, graças a Deus, eu 'tô' aqui pra contar a história.

N: E você teve apoio/ajuda do companheiro, da família e/ou amigos?

L: Teve apoio. Teve apoio de todo mundo, né. Meu marido me levou, foi me buscar e tudo mais.

N: Como você se sente ao relembrar dessa situação?

L: Eu me sinto triste porque eu não pude ter meu filho, né [se emociona ao falar, mas consegue conter as lágrimas], mas depois de três meses eu fiquei grávida de novo e 'taí' (sic) meu filho já com 25 anos [sorri, se atrapalha e retoma ao assunto]. Tive ele, ele tem 25 anos e depois dele tive outra que tem 21 anos. Então, eu 'tô' (sic) bem graças à Deus.

N: Você conhece alguém que tenha feito esse procedimento?

L: Não. Não conheço ninguém não. Agora eu não me recordo não.

N: E você é contra ou a favor do aborto?

L: Eu sou contra. Eu sou contra o aborto.

N: Por quê?

L: Porque uma vida não é 'pra' (sic) se matar. Ele não tem culpa nenhuma dela engravidar porque é 'pra' (sic) prevenir antes 'pra' (sic) não ter esse negócio de abortar. Eu não sou à favor de aborto não.

N: Pronto. Obrigada! [encerramos a entrevista]

DISCUSSÃO

Com base nos resultados apresentados, tem-se uma clara noção de que casos de aborto estão muito mais próximos da nossa realidade do que imaginamos.

De acordo com os relatos da primeira entrevistada e conversas entre ela e a entrevistadora antes da pesquisa, a mesma contou que já realizou um aborto induzido e que a decisão foi tomada após desentendimentos com o companheiro, tendo em vista que ele a pressionava para não levar a gestação a diante e que, por conta disto, aceitou, mesmo contra a sua própria vontade, realizar aborto utilizando pílulas abortivas que acarretaram em complicações sendo necessário recorrer à atendimento médico.

Em seguida, fizemos uma segunda entrevista onde a entrevistada relata que já estava em um processo de aborto espontâneo, mas que seguiu as instruções dadas por uma pessoa que dizia conhecer métodos mais rápidos e que era possível antecipar o abortamento. Ela revela como foi o processo desde a aquisição do medicamento até o momento em que foi ao hospital.

Ao analisarmos as respostas das entrevistadas, é notório um certo desconforto ao relembrar o episódio. Para algumas pessoas que analisam a situação por fora, pode parecer que a mulher não “tem sentimentos”, podem até se perguntar “como uma pessoa tem coragem de fazer isso?”. Contudo, não sabem a realidade que a pessoa se encontra naquele momento. Ao sentir desespero, incertezas e inseguranças elas recorrem a métodos que às vezes podem ser ineficazes e podem lhes trazer consequências ruins.

É importante enfatizar que, como em ambos os casos o atendimento médico foi necessário após o procedimento, a quantidade de mulheres que utilizam esse

serviço por consequência de complicações quando tentam, seja em clínicas clandestinas ou em locais insalubres, interromper a gravidez – incluindo abortos espontâneos – as mesmas precisam de um atendimento para prevenir possíveis complicações. Assim, recorrem aos hospitais públicos fazendo com que cada vez mais seja saturado o Sistema Único de Saúde (SUS), ocasionando no aumento da demanda de recursos como medicamentos, profissionais e estrutura. (FERREIRA, Sidnei, 2014):

O aborto hoje é um problema de saúde pública e deve ser discutido pelos três poderes. Os custos e as complicações dos abortos ilegais são enormes. Clinicamente as mulheres podem ter infecções, contrair doenças que incluem a Aids, ter hemorragias que podem levar à morte e ter perdas de órgãos internos. E isso vai parar nas mãos do Estado. As pessoas vão recorrer também ao SUS.

Pode-se analisar por outra perspectiva que, mulheres que já passaram por um processo de abortamento, muitas vezes, têm vergonha de expor o fato por receio de julgamentos ou até mesmo receio de serem denunciadas por médicos que as atendem logo após o aborto. As duas entrevistadas mostraram um sentimento de culpa e remorso, além de carregarem o fato em sigilo, escondendo de familiares e amigos, pois, poucas pessoas do convívio destas tinham o conhecimento do ocorrido o que implica entender que se sentem como criminosas em relação às leis, além do profundo arrependimento que dizem sentir e relataram que, de fato, perderam um filho. É importante ressaltar que, antes de iniciar a entrevista, a entrevistada 1 desabafou para a entrevistadora que Deus nunca a perdoaria pelo que havia feito, o que nos leva a concluir que a religião é um fator determinante para que essa mulher se posicione contra.

Após passarem por tal procedimento, ambas se posicionam contra. Isso se justifica pelo fato de, muitas vezes, a religião ainda exercer forte influência na vida das pessoas, como no caso da entrevistada 1. Além disso, o sentimento de culpa assombra a vida dessas mulheres pelo resto de suas vidas, argumentando que a criança não tem culpa do que está acontecendo com a mãe no momento em que ela escolheu abortar, como relatou a segunda entrevistada.

Levando em consideração o formulário online, obtivemos gráficos e comentários a respeito das questões explanadas para fins de uma visão abrangente do tema. Sendo respondido por pessoas com a faixa etária entre 14 a 58 anos, foi observado que a maioria dos respondentes eram do sexo feminino e uma pequena parcela por parte masculina, e que o maior número é a favor desta prática. Após verificarmos as respostas que foram dadas para a pergunta “Você conhece alguém que já realizou esse procedimento?”, constatamos que grande parte dos entrevistados conheciam pelo menos uma pessoa que passou pelo processo do aborto, sendo possível constatar o quão presente e próximo a prática de abortar está na sociedade.

ANÁLISES CONCLUSIVAS

Após pesquisas, análises dos resultados e diversos debates sobre o assunto, ocorreram mudanças de posicionamento após aprofundamento do tema e reflexões. Averiguamos o quão desafiador seria abordar esse tema sem permitir que as nossas opiniões influenciassem na veracidade dos fatos. E, de fato, este artigo foi importante para a formação do nosso pensamento crítico a respeito do assunto.

Tende-se a se imaginar que o aborto é uma realidade distante e que não atinge boa parte das mulheres, entretanto, o aborto está e sempre esteve presente na vida das pessoas, seja de forma direta ou indireta. É importante frisar que as consequências do aborto vão muito além de apenas complicações físicas pois estas se estendem até mesmo ao psiquismo da mulher que é fortemente afetado.

Ainda há um grande percurso a se percorrer por parte das mulheres que objetivam descriminalizar o aborto, já que muitos ainda se posicionam de forma conservadora a respeito do assunto. É indispensável um maior debate sobre a temática para que o mesmo seja desmistificado apontando dados comparativos de países antes e depois da regularização do aborto expondo os pontos positivos e negativos.

Mulheres abortam independente de suas classes sociais. Pode ser sua mãe, tia, avó, vizinha, chefe, quem sabe uma amiga. Ao contrário do que se pensa, essa realidade invisível está muito mais próxima do que se imagina. Muitas mulheres

seguem suas vidas carregando consigo mesma a dor e o segredo de terem, um dia, passado por um procedimento abortivo por medo, remorso e culpa.

REFERÊNCIAS

AE. Grávida pede ao STF para fazer aborto. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 23 de novembro. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/outros/ultimas-noticias/46,37,46,14/2017/11/23/interna_politica,731882/gravida-pede-a0-stf-para-fazer-aborto.shtml>

ANTONACCI, Andreia Tassiane; ARAUJO, Guilherme Augusto Marques. *Revista dos tribunais*. In: REUTERS, Thomson (coord). **O aborto no ordenamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017, p. 273-299.

BENETTI, Beatriz. **4 motivos para ser a favor da legalização do aborto**. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2016/12/02/4-movitos-para-ser-a-favor-da-legalizacao-do-aborto/>> Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

CAVALCANTE, A; XAVIER, D. **Em defesa da vida: aborto e direitos humanos**. São Paulo. Ed única, 2006.

CHILDREN BY CHOICE, **How will I feel after an abortion?**. Disponível em: <<https://www.childrenbychoice.org.au/forwomen/abortion/howwillifeelafteranabortion>> Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

CONCEITO.DE. **Conceito de aborto**. Disponível em: <<https://conceito.de/aborto>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

CORREA, Renata. Clandestinas – Documentário sobre o aborto no Brasil. **Youtube**, 28 de setembro de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU>> Acesso em: 20 de novembro de 2017.

DAS DORES NUNES, M; MADEIRO, A; DINIZ, D. **Histórias de aborto provocado entre adolescentes em Teresina, Piauí, Brasil**, Rio de Janeiro, V.18, n.8, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000800015&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

FERRERA, Paula. **Cristãs contrariam suas religiões para defender a legalização do aborto**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/cristas-contrariam-suas-religioes-para-defender-legalizacao-do-aborto-22113119>> Acesso em: 28 de novembro de 2017.

FOMENTI, LIGIA. **Grávida pede ao Supremo Tribunal Federal para fazer aborto**. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,gravida-pede-ao-supremo-tribunal-federal-para-fazer-aborto,70002094123>> Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

GUIAME.COM.BR. **Aborto: causas, consequências e alternativas.** Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/estudo/antonio-carlos-da-rosa-jr/aborto-causas-consequencias-e-alternativas.html>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

LAKHANI, Nina. **O país onde as mulheres podem ser presas por ter aborto espontâneo.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131021_aborto_el_salvador_an> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

MARIANO, Nádia. **Legalização do aborto: estudo mostra que feto não sente dor até a 24ª semana de gestação.** Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI150631-10543,00.html>> Acesso em: 20 de novembro de 2017.

MARTINS, Fernanda; GOULART, Mariana. *Revista Brasileira de ciências criminais.* In: ARAÚJO, Marina Pinhão Coelho (coord). **Feminismo, direito e aborto: articulações possíveis e necessárias para emancipação de gênero.** V.123. São Paulo, 2016, P. 233-258.

OLIVEIRA CASTRO, C; TINOCO, D; ARAÚJO, V. **Tabu nas campanhas eleitorais, aborto é feito por 850 mil mulheres a cada ano.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/tabu-nas-campanhas-eleitorais-aborto-feito-por-850-mil-mulheres-cada-ano-13981968>> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

SAÚDE.CCM. **Aborto-Definição.** Disponível em: <<http://saude.ccm.net/faq/2076-aborto-definicao>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

SCHOR, N.; ALVARENGA, A. T. **O Aborto: Um Resgate Histórico e Outros Dados,** São Paulo, v. 4, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38134/40867>> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

SOUZA, Mirela Caldeira de; SILVA, Andressa Lopes. **Os benefícios da legalização do aborto.** Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=18318> Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

VIANNA, Túlio. **O direito ao próprio corpo.** Disponível em: <<http://emporiododireito.com.br/leitura/o-direito-ao-proprio-corpo>> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

WOMEN HELP WOMEN. Disponível em: <<https://consult.womenhelp.org/pt/get-abortion-pills>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.